



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO COM HABILITAÇÃO EM
JORNALISMO

DAVI CARNEIRO DE LIMA E SILVA

VOU SAIR PARA VER O CÉU

Crônicas de um Mochileiro

Salvador

2009.2

DAVI CARNEIRO DE LIMA E SILVA

VOU SAIR PARA VER O CÉU

Crônicas de um Mochileiro

Memorial Descritivo do Trabalho de Conclusão de Curso – produto livro de crônicas, apresentado à Banca, para obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo pela Faculdade de Comunicação da UFBA, orientado pela Professora Dra. Malu Fontes.

Salvador
2009.2

RESUMO

Essa memória visa apresentar as várias etapas de realização do trabalho de conclusão de curso “*Vou Sair Para Ver o Céu*”, bem como as reflexões teóricas que orientaram este livro. Este é o registro sistematizado do processo produtivo - da sua concepção à finalização – inclusive dos desafios e das estratégias para resolução de problemas, quanto à análise e reflexão crítica dos procedimentos com base nos pressupostos teóricos que perpassaram a produção desse projeto. “*Vou Sair Para Ver o Céu. Crônicas de um mochileiro*” é um livro-reportagem composto por uma coletânea de crônicas de viagem e de dicas e informações relativas à 13 cidades espalhadas pela Europa e pelo Marrocos. Elas são Barcelona, Verona, Veneza, Marraquesh, Mhamid, Deserto do Saara, Fés, Algarve, Praga, Budapeste, Berlin, Delta Dunarii e Sfantu Gheorghe. As crônicas selecionadas no livro são enquadradas como narrativas não-ficcionais, sendo todos os fatos apresentados verídicos, narrados, no entanto, por um sujeito subjetivo e participante. O autor busca a experimentação prática de elementos do campo do jornalismo literário com objetivo de qualificar, potencializar e aprofundar a transmissão de informações turísticas, sem esquecer sem esquecer a precisão jornalística e da qualidade na prestação de serviço. As viagens relatadas foram realizadas em dois momentos distintos. O primeiro período abrange datas entre setembro de 2007 e julho de 2008, quando o autor participou do programa de intercâmbio realizado através do convênio de cooperação existente entre a UFBA e a Universidade do Minho (Braga/Portugal). O segundo data de 25 de julho e 15 de julho de 2009, quando o mesmo passou 20 dias na Romênia.

Palavras-chave: Crônicas de viagem; jornalismo especializado em turismo; jornalismo literário; turismo backpacker.

SUMÁRIO

1. O Projeto	
1.1 Apresentação	4
1.2 Justificativa	6
1.3 O Produto	9
2. Minha Trajetória	14
3. Fundamentação Teórica	
3.1. Comunicação x Turismo	17
3.2. Jornalismo Especializado em Viagem	21
3.3. Jornalismo Literário e Livro-Reportagem	24
3.4. Narrativas de viagem e Crônicas	28
4. Considerações Finais	32
5. Referências Bibliográficas	33

1. O PROJETO

1.1 APRESENTAÇÃO

“Afinal, a melhor maneira de viajar é sentir. Sentir tudo de todas as maneiras. Sentir tudo excessivamente... (Fernando Pessoa)”

Tudo começou no dia 19 de setembro de 2007. O placar do Aeroporto Internacional de Salvador indicava o início de uma jornada sem volta. Os caracteres do vôo, turvados pela emoção, ganhavam uma distorcida dimensão sobre o vai e vem caótico das pessoas que chegavam e partiam. Com o olhar embebecido e um nó cada vez mais cego na garganta, ia despedindo-me das pessoas que amo, da cidade e do país. Tentava não sofrer de antecipadas saudades, mas admito: essa não era tarefa fácil. A expressão lagrimosa da minha mãe e o tamanho das malas denunciavam: ficaria um bom tempo sem vê-los. A hora de entrar no Airbus A330 aproximava-se vagarosa e um aperto calava cada vez mais forte no coração. Mas a vontade de alargar horizontes falava mais alto naquele momento. Partia decidido, sem olhar para trás, apesar das poucas certezas. A única que tinha era: “tudo mudaria radicalmente em minha vida nos próximos meses”. Estaria longe de casa, dos pais, dos irmãos, da namorada e de toda a minha reconfortante rotina no Brasil. Havia sido aceito como aluno de intercâmbio do curso de Comunicação na Universidade do Minho. Eu iria estudar jornalismo por dez meses na cidade de Braga, norte de Portugal. E aquele seria o primeiro dia do resto da minha vida.

A oportunidade de estudar em uma das melhores Universidades de Portugal e de morar “sozinho” no exterior transcendeu a importância da rica experiência acadêmica e do profundo crescimento pessoal. Foi, também, a chance de viajar, conhecer novas culturas e abraçar o mundo. Entre uma aula e outra, a cada oportunidade que surgia, retirava minha mochila do canto empoeirado no armário e colocava o “pé na estrada”. De “mochilão¹” em “mochilão”, tive o privilégio de percorrer boa parte da Europa e o Marrocos. Algumas dezenas de aventuras errantes com lápis e bloquinho no bolso, máquina fotográfica em punho e sentidos despertos. Com a mochila nas costas e pouco

¹ Termo referente às viagens realizadas por turistas independentes, também conhecidos como Mochileiros.

dinheiro no bolso, explorei lugares nunca antes imaginados. No total foram 49 cidades, 14 países visitados, e muitas histórias para contar.

Em uma dessas muitas viagens, deitado a beira da fogueira, olhando para um céu enfarinhado de estrelas e sentindo na pele o vento gelado do **deserto do Saara**, veio a necessidade de repartir experiências vividas. Senti a obrigação de transmitir uma parte daquilo que vivi, senti e apreendi das minhas aventuras como Mochileiro². Contar sobre aquele final de semana flutuando pelos canais de **Veneza** e sobre outro na isolada **M´Hamid**. Sobre o sabor do tajine de **Marrakesh**, do sarmale do **Tulcea** e do goulash húngaro. Sobre a sensação de ficar frente a frente com o Muro de **Berlim** e de passar um dia de glamour em **Barcelona** ou sobre a emoção de subir no Castelo de **Praga**. Sobre a escolha de conhecer as praias **Algarve**, a arena de **Verona** ou as belezas da **Romênia**. Sobre uma enrascada em **Budapeste**, o cheiro dos tannaries em **Fez** e sobre o pôr do sol em **Sfantu Gheorghe**. Ou seja, vontade de compreender e traduzir em palavras o espírito de lugares, as singularidades do seu povo e das diferentes culturas, na estreita medida em que os dias de imersão nessas realidades me permitiram sentir. As crônicas de viagem foram nascendo uma a uma como resposta a essas necessidades.

Mais do que um relato de viagem ou um livro de crônicas, *Vou Sair Para Ver o Céu é*, em primeiro lugar, uma viagem de histórias e emoções. Fruto de madrugadas checando promoções das empresas aéreas low cost³, de horas carregando um mochilão nas costas, de momentos vividos no desconforto da estrada e da imersão em realidades distintas. Fruto de cheiros, formas, sabores, cores, alegrias, amizades, enrascadas, pequenos flagrantos e de um estado permanente de descobertas. O descobrimento de cidades, países e principalmente, de pessoas. Enfim, fruto de dez intensos meses de intercâmbio, viagens, novas experiências e do inigualável gosto da liberdade.

Este livro-reportagem é composto por uma coletânea de quinze crônicas de viagem, dez dicas do mochileiro, dois textos literários e uma galeria de fotos. Cada um dos seus

² O termo Mochileiro foi introduzido aos estudos turísticos pelo australiano Philip L. Pearce em 1990 (ALTELJEVIC e DOORNE, 2002, p. 30) e vem sendo utilizado mundialmente para denominar o segmento de viajantes que tem um estilo de viagem independente, flexível e econômico, por longos períodos e que buscam conhecer vários destinos de forma mais profunda.

³ Empresas aéreas de baixo custo, como a Ryanair e a Easyjet. Graças a elas é possível viajar pagando muito pouco na Europa.

textos, fortemente marcados pela experimentação de recursos do Jornalismo Literário, são frutos de uma experiência pessoal e de uma visão particular sobre cidades e pessoas. Todos os fatos presentes são verídicos, relatados, porém, por um narrador participante. Há, portanto, uma prevalência da subjetividade em contraponto à extrema objetividade do “lead” e das “hard-news”. Os textos buscam fugir do noticiário superficial, revelando um universo que geralmente fica oculto nas entrelinhas das matérias do jornalismo especializado em turismo e apresentando um ponto de vista pessoal, autoral e humanizada sobre a realidade.

O contraponto entre a maneira tradicional e a independente de viajar nos serve para configurar formas narrativas que correspondem, respectivamente, às reportagens de turismo publicadas na imprensa e aos textos do Jornalismo Literário. As primeiras partem de elementos externos como a pauta, estabelecida na redação, e o chamado “gancho”, isto é, às circunstâncias que ensejam ou justificam a publicação de tal matéria em dado momento; as outras se apóiam, acima de tudo, no mundo interno do autor, em suas inquietudes e vivências, ainda que se trate de um jornalista, e não de um literato.

1.2 JUSTIFICATIVA

“Um homem precisa viajar. Precisa viajar por si, com seus olhos e pés, para entender o que é seu. Um homem precisa viajar para lugares que não conhece para quebrar essa arrogância que nos faz ver o mundo como o imaginamos, e não simplesmente como é ou pode ser.” Amyr Klink

Minha vocação para viajante veio do berço intra-interino. A primeira viagem aconteceu ainda projeto de gente, com cinco meses de gestação, acompanhando uma família que desde sempre teve o hábito de fazer turismo. Cresci seguindo o pai carioca (que todos os anos, religiosamente, levava-nos a sua cidade, Nova Friburgo-RJ), uma mãe sempre atenta à qualquer oportunidade de viajar e um avô que sempre proporcionava passeios em família. Além do Rio de Janeiro, conheci, na infância e adolescência, quase todas as capitais do Nordeste, São Paulo, Brasília, o Rio Grande de Sul, o Pantanal, a Disney e Cancun. Porém, meu fascínio pelas viagens ganhou uma nova proporção em 2007. Havia sido aceito como aluno do curso de Comunicação com habilitação em

Jornalismo, Audiovisual e Multimídia da Universidade do Minho (Uminho) em Braga, norte de Portugal e preparava-me para viver uma experiência totalmente nova. Pela primeira vez moraria em um país estrangeiro, longe das asas protetoras dos pais, tendo que enfrentar o frio europeu, a falta de tempero da comida portuguesa e as saudades. Sabia que esta seria uma oportunidade única de conhecer novos países ainda que, no momento inicial, não soubesse quais eram as reais possibilidades de realizar esse desejo. Cheguei a Braga sem saber muito bem o que aconteceria naqueles dez meses. Estava mais preocupado em cumprir as exigências da Universidade, acompanhar as aulas e em administrar minhas finanças. Sabia que viajar seria um luxo que dependeria de muitos fatores.

As primeiras semanas foram passando e o convívio com pessoas das mais variadas nacionalidades dentro da residência universitária aguçou a vontade natural de conhecer mais profundamente culturas e contextos sociais. Foram muitas as madrugadas conversando com portugueses, turcos, chineses, gregos, romenos, espanhóis, poloneses, italianos, búlgaros, franceses, alemães, letonianos, estonianos e, claro, brasileiros de toda partes. A semente da curiosidade, plantada desde que soube da possibilidade do intercâmbio, começava a crescer aceleradamente. Mas, para que esta árvore começasse a dar frutos era preciso que eu aprendesse a “ser um mochileiro”.

Havia me identificado de imediato com essa categoria de turistas. Os mochileiros se diferenciam dos demais turistas por não serem adeptos dos pacotes turísticos comerciais, viajarem com um orçamento restrito, hospedando-se em acomodações baratas e evitando o turismo de massa. Geralmente seguem uma agenda de viagem flexível e utilizam a infra-estrutura de serviços local, o que lhes permite, muitas vezes, um contato mais próximo com a população visitada, o estilo de vida da região e com experiências mais autênticas. Pesquisei mais informações em sites especializados no assunto, entrei em contato com mochileiros mais experientes e fui instruindo-me sobre o seguimento aos poucos. A experiência, porém, que levaria aquele Davi iniciante a um Mochileiro capaz de planejar viagens de grandes durações e através de vários países, só viria com a combinação da teoria com a prática e seus erros e acertos.

Com o tempo, as oportunidades de viagens foram surgindo naturalmente, graças a uma série de fatores facilitadores: a) A Uminho se adaptava ao primeiro ano do Processo de

Bolonha e por isso apresentou um calendário acadêmico mais flexível. b) a excelente malha ferroviária e as várias empresas aéreas low cost. c) o fato de Braga ficar a apenas 56 km da cidade do Porto e do Aeroporto Francisco Sá Carneiro, terceiro maior do país e com vôo para as principais cidades da Europa. d) o custo de vida em Braga, relativamente barato em comparação com outras cidades européias. e) A Uminho custeou parte dos nossos gastos com a moradia e alimentação. A conjunção desses elementos foi fundamental na hora de conciliar viagens, Universidade, manutenção de gastos, facilidade de transporte, variedade de destinos e a viabilidade real de realizá-las.

As viagens aconteceram em períodos distintos. A maioria se deu em períodos curtos, aproveitando um feriado prolongado ou uma sexta-feira em que o professor não daria aula. As viagens pela Inglaterra (quatro dias entre Londres e Liverpool) e a de três dias no Parque Nacional do Gerês são exemplos de chances aproveitadas em pequenas folgas da Universidade. Já as poucas viagens realizadas em períodos mais longos, a exemplo do mochilão de final de ano pela Itália (15 dias) ou pelo Marrocos (11 dias), foram realizadas em feriados maiores (como o de final de ano e do carnaval) com o objetivo de conhecer mais profundamente uma região ou um país. Assim, graças a muito planejamento e aproveitando cada oportunidade pude visitar 14 diferentes países e cerca de 49 cidades de maneira independente, barata e, principalmente, com a profundidade e imersão cultural por mim desejada.

O primeiro texto produzido, intitulado “Sob um céu enfarinhado de estrelas” e que narra a experiência no deserto do Saara, nasceu de forma natural, porém ainda tímida e despretensiosa. A intenção inicial foi a de eternizar o momento e compartilhá-lo, via e-mail, com familiares e amigos. Porém, sua repercussão acabou sendo maior do que imaginava. Elogios como - “Parabéns pelo texto, viajei no deserto com você e, por incrível que pareça, consegui me imaginar sentada na areia infinita, sentindo o frio tilintar na pele e ouvindo apenas o barulho do vento.” e “Rapaz, me senti lá no deserto. Imaginei todas as sensações sentidas por você, meu amigo, e fico feliz de saber de você está vivendo tanta coisa bacana por aí.” - choveram na minha caixa de mensagens. E, juntamente com os elogios, vieram cobranças por novos relatos de viagens. Aos poucos, elas foram nascendo - algumas escritas imediatamente após a viagem e outras escritas já no Brasil – sendo todas, porém, baseadas em anotações, emoções e experiências vividas em loco.

Nas livrarias e bancas de revistas, a maior parte do acervo editorial encontrado sobre viagens está voltado para a prestação básica de serviço aos turistas. É dada demasiada importância aos custos de uma viagem e indicações com preços de hospedagem e alimentação. A descrição das cidades pauta-se em ligeiras apresentações dos monumentos históricos, e quem seguir restritamente essas dicas dificilmente encontrará algo diferente do que poderia encontrar sentado em sua casa, de frente para um computador, navegando por páginas de turismo na internet.

A escolha do formato livro-reportagem não foi ao acaso, e, sim, graças a vontade de ir além do da simples prestação de serviço e da superficialidade encontrada na maioria dos acervos jornalísticos sobre viagem. O livro-reportagem possibilita uma forte experiência híbrida entre jornalismo e literatura, facilitando um maior aprofundamento e um envolvimento maior do leitor com o relato, sem deixar de reportar ou apurar a realidade. É um formato que permite, juntamente com a experimentação de recursos literários, potencializar os recursos do jornalismo, a contextualização da informação da forma mais abrangente possível, o que seria muito mais difícil no exíguo espaço de um jornal. Ampliam-se, não só as páginas escritas, mas também, o contato entre a reportagem, o jornalista e o leitor.

1.3 O PRODUTO

“Assim como todos os grandes viajantes, eu tenho visto mais do que lembro e lembrado mais do que tenho visto” Essper George, personagem de Benjamin Disraeli no romance Vivian Grey (1826)

Este livro-reportagem (pertencente à categoria livro-reportagem-viagem) é composto por uma coletânea de quinze crônicas de viagem, dez dicas do mochileiro, dois textos literários e uma galeria de fotos referente às viagens que realizadas pela Europa e pelo Marrocos. As cidades e regiões abordadas são: Barcelona (Espanha), Verona e Veneza (Itália), Marrakesh, M'hamid, deserto do Saara e Fés (Marrocos), Algarve (Portugal), Praga (República Checa), Budapeste (Hungria), Berlin (Alemanha), Delta Dunaari e Sfantu Gheorghe (Romênia).

Os fatos apresentados no livro são todos verídicos, narrados, no entanto, por um sujeito participante que tenta mesclar a informação precisa de uma reportagem de campo à uma linguagem ora lúdica, ora com uma abordagem literária. Cada um dos seus textos - sejam aqueles com características próprias das crônicas (subjetividade e liberdade estilística) ou aqueles que tendem para grandes reportagens (priorização da prestação de serviço) - são propositadamente marcados pela experimentação da linguagem do jornalismo literário, como a priorização de elementos estéticos e estilísticos, da subjetividade, de descrições detalhadas, da criatividade e do estilo na construção narrativa. Essas características se encaixaram como uma luva dentro da proposta de viagem dos mochileiros, que priorizam a imersão cultural e a experimentação de vivências mais autênticas, deixando-se levar pelo fluxo dos acontecimentos sem a pressa ou a obrigação do turista convencional.

Vou Sair Para Ver o Céu não se prende a temas específicos, mas, sim, retrata as diversas experiências culturais vivida ao acaso durante as viagens. Experiências vividas em profundidade, na qual o autor se lança com a sensação de queimar as pontes, ou seja, encerrar uma fase de sua vida e passa por uma transformação interior ao longo do caminho. O viajante, portanto, constrói suas vivências a partir do momento, sem se preocupar com pautas pré-definidas ou temas da moda no momento. Preocupa-se apenas em deixa-se envolver pela atmosfera do espaço, realizar trocas simbólicas com os lugares visitados, apreender o máximo e tentar traduzir em palavras o espírito de lugares, as singularidades do seu povo e das diferentes culturas, na estreita medida em que os dias de imersão nessas realidades o permitiram sentir.

O projeto gráfico do livro prevê uma capa com foto colorida, de autoria da designer Carole Santos, além de uma galeria de fotografias inseridas nas páginas internas. A galeria, com fotos tiradas por mim ou por algum companheiro que viajava comigo, tem o objetivo de valorizar personagens ou as situações retratadas nas crônicas e dica. As fotografias servem para dar rosto à alguns personagens que aparecem no livro, assim como inserir o leitor no contexto em que as crônicas foram escritas, o que torna a leitura ainda mais prazerosa.

O livro está formatado em tamanho A5 - 210×150 mm (meio ofício) - que propicia reduzido custo de impressão. Sumário, introdução e capítulos se iniciam em páginas

ímpares. Para que a leitura seja leve e agradável, a fonte do texto é Arial, (uma fonte sem serifa, de boa legibilidade), tamanho 12, na cor preta, com espaçamento 1,5 cm, em atenção ao espaço disponível e conforto na leitura. Cada crônica ficará em um capítulo próprio e os capítulos se iniciam com o título da crônica seguido da data e da cidade em que foi escrita. Cada sessão *Dicas do Mochileiro* terá, também, capítulos próprios seguidos de dicas pontuadas sobre cada cidade.

Para apresentação à Banca de Avaliação do Trabalho Final de Conclusão de Curso, *Vou Sair Para Ver o Céu* foi apresentado fora do formato padrão de livro. Esta opção se deu devido aos altos custos da impressão em brochura e, como os membros da banca podem, eventualmente, sugerir alterações no conteúdo da obra, não seria prudente imprimir a versão definitiva antes da avaliação.

A coletânea começa com um texto nomeado *Cartão de Embarque*, cujo objetivo é de introduzir o leitor, mostrando-lhe quais as características do livro, quais cidades serão abordadas, em quais circunstâncias as crônicas foram escritas e conduzindo-o à leitura. As 13 crônicas que seguem foram escritas em momentos diferentes, a partir de situações vivenciadas durante as viagens. Algumas foram escritas em Braga, imediatamente após uma viagem e outras foram redigidas já no Brasil a partir das lembranças, fotos e anotações feitas em “loco”. Todo o material jornalístico (entrevistas, depoimentos, informações sobre serviços, dados e fotos) foi, portanto, apurado e coletados nos locais relatados. Ou seja, todos os lugares, monumentos, albergues, restaurantes, endereços e serviços presentes nos textos e nas dicas foram realmente visitados por mim ou por companheiros de viagens.

As viagens relatadas ocorreram períodos distintos. A grande maioria foi realizada nos dez meses em que participei do programa de cooperação internacional entre a Universidade Federal da Bahia e a Universidade do Minho entre as datas entre 19 de setembro de 2007 e 17 de julho de 2008, compreendendo 13 das 15 crônicas. O segundo período de viagem é referente aos 20 dias pela Romênia (de 24 de junho de 2009 a 15 de julho de 2009), que deu origem as duas crônicas selecionadas: “Deixe eu te contar mais de mim” e “Lua de Sfantu Gheorghe.”

A viagem à Barcelona, retratada na crônica “*Ao doce som da Rumba*”, foi realizada entre os dias 18/10 a 22/10 de 2007. A partir de um acontecimento simples e casual, como o de acompanhar uma banda de rua ao pôr do sol, a crônica apresenta o roteiro pessoal do autor pela cidade ao mesmo tempo em que relata suas experiências. Depois de Barcelona, veio o mochilão pela Itália (de 27/12/2007 até 08/01/2008). Dessa viagem de 13 dias visitando seis cidades italianas (Roma, Pisa, Florença, Verona, Veneza e Milão) nasceram as crônicas “*Verona, surpreendente*”, que relata a experiência de dois dias na romântica cidade de Romeu e Julieta e as crônicas “*Suspiros em uníssonos dos casais apaixonados*” e “*Veneza: a cidade improvável*” que narram os encantos e a emoção de sentir Veneza pela primeira vez.

A próxima mochilada seria a mais marcante e especial de todas. Os 14 dias (de 06/02 a 19/02), vagando de norte a sul do Marrocos, conhecendo inúmeras cidades (entre as principais Marrakesh, Fez, Rabat, Casablanca e M’hamid), além da experiência de passar três dias no deserto do Saara acompanhado apenas de camelos e Berbers, foram de uma abertura ao diferente e de uma imersão cultural ímpar. Dessa explosão de novas cores, sabores e sensações surgiram cinco crônicas: “*Ronaldinho, laranjas e a sintonia mundial*”, “*A cidade do fim do mundo e os dinossauros do deserto*”, “*Sob um céu enfarinhado de estrelas*”, “*Do alto da mais alta duna*” e “*Fez: uma experiência que assalta aos sentidos*”.

O texto a seguir “*Carta à Dona Saudade*”, juntamente com “*De volta a Terra do Nunca*” (texto que fecha o livro), são textos literários e sem a preocupação com as narrativas de viagem ou com o jornalismo. O primeiro é, antes de qualquer coisa, um desabafo. Escrito em 08 de abril de 2008, período em que a saudade da família e dos amigos apertava mais do que nunca. Já o segundo é um agradecimento a família World Spru e as pessoas que conviveram diariamente comigo nesse período do intercâmbio.

A próxima parada é no Algarve, região de lindas praias ao sul de Portugal. O texto “*A dois passos do paraíso*” relata minhas aventuras, ao lado de Alina, pelas cidades de Albufeira, Sagres e Lagos. Essa viagem teve a duração de três dias (de 20/06 a 22/06 de 2008) e foi muito marcante devido à beleza estonteante e incomum das praias algarvias e pela pessoa especial que me acompanhava.

O próximo relato é sobre a cidade de Praga, a lindíssima capital da República Checa. A crônica “*A cidade das cem torres*” faz um roteiro pessoal pela cidade, descrevendo suas belezas e encantos. “*Como os pobres mundos se parecem*” é uma crônica bem humorada sobre uma enrascada vivida em Budapeste, Hungria, e da sensação de intimidade com o desfecho tomado pela situação. A próxima parada é na cidade de Berlim com a crônica “*Prefiro ser essa metamorfose ambulante*”, viagem realizada no dia 11 de julho de 2008. Assim, com a crônica sobre Berlim – a última viagem do período do intercâmbio - fecha-se o primeiro ciclo de viagens.

Só voltaria a “por o pé na estrada” e desenterrar a já gasta mochila no dia 24 de junho de 2009. Da experiência de 20 dias rodando os quatro cantos da Romênia ao lado de Alina nasceram às últimas duas crônicas que são referentes aos cinco dias na região do Delta Dunarii, que engloba, entre outras localidades, Tulcea (a cidade natal da Alina e da sua família) e o vilarejo de Stanfu Gheorghe.

As sessões *Dicas do Mochileiro* (10 no total) funcionam como uma espécie de bastidores pessoal de viagem. A idéia aqui não é a de ter a mesma função e utilidade de um guia de viagem. Não é essa a minha pretensão (uma vez que seria necessário um esforço muito maior na quantidade de informações apuradas) e muito menos a intenção dessa sessão. A idéia é de dar dicas e conselhos pessoais para aqueles turistas e viajantes que pretendam, no futuro, seguir meus passos. O caráter pessoal das dicas é fruto das anotações que fazia de maneira despreziosa durante as viagens. Se eu gostava de um albergue, por exemplo, anotava seu endereço e os seus pontos fortes. Assim, as *Dicas* foram nascendo uma após a outra, baseadas nessas anotações e nas indicações de amigos que também estiveram nesses lugares. Todas as informações dessa sessão foram, portanto, apuradas em loco, sendo revisadas via internet nos períodos indicados em cada sessão.

Das dezenas de cidades visitadas (49 no total), escolhi essas 13 por um motivo simples: foram elas, entre todas, as que mais me marcaram. Ou seja, o critério de escolha foi altamente subjetivo e seguiu a vontade do autor, sem necessariamente ter uma metodologia objetiva para a seleção.

3. MINHA TRAJETÓRIA

“A viagem pode ser uma das formas mais satisfatórias de introspecção.” (Lawrence Durrell)

Meu começo foi nadando dentro da dona Amélia. Eram bilhões, as opções disponíveis. Ventres africanos, asiáticos, oceânicos e europeus. Mas, o destino - sempre imprevisível – quis diferente. Fui jogado nesse pedaço de terra que meus antepassados batizaram de Bahia. Rebentei apressado e prematuro. A ânsia de viver sacou-me a paciência do último mês da gestação. Davi Carneiro de Lima e Silva nasceu, chorando forte, saudável e pequenino, por volta das duas horas da madrugada de uma quinta-feira de primavera no dia 08 de novembro de 1984.

Ainda na infância, fui contaminado por um “vírus”. Beirava sete anos quando ganhei minha primeira revista em quadrinho. Nas páginas coloridas, cheia de balões, o Homem Aranha salvava sua amada Mary Jane dos tentáculos do terrível Doutor Octopus. Devorei com voracidade. Depois, outra e mais outra. Mal sabia, mas havia sido infectado pela “praga virulenta”, que me acompanha insistente desde então: o prazer da leitura. Mais tarde - na medida em que a coleção de quadrinhos foi dando lugar a de livros – fui descobrindo novos sabores. Incentivado por Machado, Clarice, Ubaldo e um exigente professor de redação, comecei a escrever um diário pessoal. Logo, aquele adolescente tímido, que muitas vezes ficava sozinho na hora do recreio, observando a vida e as pessoas, criou gosto pela escrita. Outro “germe” persistente, difícil de se livrar.

A opção por jornalismo veio naturalmente, tal qual a lei da causa e consequência. Uma decisão firme, porém, difícil, para o primogênito de uma família formada por médicos, cujo pai nunca escondeu o desejo de ver o filho em sua profissão. Mas, a vontade romântica de presenciar a história, narrar fatos e mudar o mundo falou mais alto. Passei no curso de Comunicação na Universidade Federal da Bahia com louvor.

Cursei o primeiro semestre com a empolgação e a ansiedade típica dos calouros, ainda que, naquele instante, não soubesse ao certo onde estava pisando e quais as muitas atribuições do fazer jornalístico. A ânsia por um contato imediato com a prática foi freada pela prioridade dada ao suporte teórico da comunicação que, só posteriormente,

percebi ser de suma importância. Nas disciplinas Teorias do Jornalismo com o professor Giovandro Ferreira e Teorias da Comunicação com o professor Jeder Janotti fomos introduzidos à importantes conceitos teóricos da comunicação e do jornalismo clássico. Na disciplina Oficina de Comunicação Escrita, tivemos o contato inicial com técnicas de escrita jornalística, ainda que de maneira introdutória.

No segundo semestre, com uma visão mais amadurecida sobre a comunicação, tivemos um importante contato com o cinema, a fotografia e com vídeos documentários na disciplina Oficina de Comunicação Audiovisual e nas valorosas aulas dos professores André Setaro e José Mamede. No terceiro semestre, veio, enfim, o contato com a prática jornalística. O professor Fernando Conceição, então à frente da Oficina de Jornalismo Impresso nos ensinou que “jornalismo nada mais é do que correr atrás de boas histórias e gastar sola de sapato”. Resultado: reacendemos do Jornal Laboratório da Facom e conseguimos colocar nas ruas uma tiragem de 10 mil exemplares.

Nos dois períodos seguintes, vieram conceitos sobre a Estética, a Ética e a Política ministrados pelos professores Monclar Valverde, Maria Augusta Souza e Wilson Gomes, respectivamente. Foi nesse período, também, a minha aproximação com a televisão e o rádio, graças às oficinas ministradas pela professora Simone Bortoliero e pelo professor Jonicael Cedraz. Este contato teórico e prático com as especificações de cada meio foi fundamental para o alargamento de horizontes e para o meu amadurecimento jornalístico. Já na disciplina Temas Especiais de Jornalismo Impresso, ministrada pela professora Graciela Natansohn, fui um dos editores da Lupa e tive contato com formato de texto próprio para revistas. Identifiquei-me de imediato com o estilo mais livre e informal, mais próximo do jornalismo literário.

Em 2007, o destino jogou novamente seus dados. Fui, como já citado acima, aceito como aluno do curso de Jornalismo, Audiovisual e Multimídia da Universidade do Minho, norte de Portugal. Nessa rica vivência acadêmica tive contato com tive disciplinas que preencheriam algumas lacunas deixadas pela Facom, como técnicas de teatro, escrita criativa e oficinas de edição e produção multimídia, por exemplo. Para além da Universidade, tive a oportunidade única de descobrir cidades, países e, principalmente, pessoas.

De volta do intercâmbio, veio a experiência “profissional” na Assessoria de Comunicação da Secretaria de Turismo da Bahia, que me conduziu ainda mais para os caminhos da reportagem. Na “ASCOM SETUR” tive um importante contato com o famoso “clima de redação”, já que a equipe era formada por diversos profissionais de comunicação como assessor de imprensa, web-jornalistas, designer, fotografo, repórter e revisor. Devido à grande demanda de informações exigidas de uma Secretaria como a de Turismo, tive um bom contato com a produção de textos, sendo alguns vinculados por veículos locais e nacionais como: A Tarde, Correio da Bahia, O Globo, Folha de São Paulo, Estado de São Paulo, e os portais Terra e Universo Online.

Nos dois últimos semestres da Facom, tive contato com os conceitos da Comunicação e Cultura Contemporânea, fundamentais na reflexão sobre transculturação, hegemonia e multiculturalismo, preceitos que experimentei na prática durante o intercâmbio. Em Desenvolvimento Orientado do Projeto, já sob a tutoria da professora Malu Fontes, encarei o desafio de transformar minha própria história em um livro-reportagem. *Vou Sair Para Ver o Céu* é uma série de relatos sobre viagens e de dicas para viajantes independentes. O valoroso apoio teórico dado por ela foi fundamental na construção de um suporte que permitisse trabalhar os textos da maneira que mais gosto: talhando palavras sem pressa, descrevendo cenários, relatando sensações, explorando a veia literária e pincelando histórias reais com o mesmo carinho de um pai que embala o seu filho.

Vou Sair Para Ver o Céu é a síntese da minha trajetória de universitária. Hoje, ao olhar para trás, tenho a certeza que o amadurecimento dentro da Facom e da Universidade do Minho foi fundamental para que eu não me contente mais com a razão primordial “escolhi o jornalismo por que gosto de ler e escrever”. Hoje, graças a essa trajetória, sei que escolhi jornalismo por que quero ir além. Quero ultrapassar as amarras do “Lead”. Quero apurar as informações. Fazer entrevistas com pessoas que tenham algo a acrescentar. Narrar boas historias. Quero que meu leitor se informe com qualidade, descubra novos pontos de vistas e, principalmente, que ele sinta o mesmo prazer tive ao ler aquele primeiro gibi na minha infância. O livro nada mais é do que a realização de todas esses anseios.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

*"Costumo responder, normalmente, a quem me pergunta a razão das minhas viagens: que sei muito bem daquilo que fujo, e não aquilo que procuro."
(Michel de Montaigne)*

O embasamento teórico da concepção de *Vou Sair Para Ver o Céu* percorre quatro categorias fundamentais, a saber: 1) as relações ente o Jornalismo e o Turismo; 2) as especificações do Jornalismo especializado em Turismo 3) as características do Jornalismo literário e livro–reportagem 4) e a classificação das Narrativas de Viagem e das Crônicas.

3.1 Comunicação x Turismo

"Viajar! Perder países! Ser outro a cada dia." (Fernando Pessoa)

O turismo, considerado como um importante fenômeno do contemporâneo, podendo ser identificado como uma atividade substancialmente pós-moderna, principalmente por ter agregado às principais características pertinentes a este cenário cultural, social e político que vem se descortinando até os dias de hoje, pois

“(…) as viagens e o turismo agregaram-se a um vasto elenco de evidências que permitem identificar o novo fenômeno da globalização, entre eles a dos mercados financeiros, o mundo digitalizado e articulado em redes, por meio dos serviços de telecomunicação, as marcas comerciais de bens mundiais, e a presença de corporações transnacionais em diversos quadrantes do mundo. O maior mérito da expansão de tais fluxos turísticos é ter atraído à esta rede de conexões regiões antes arredias e isoladas” (WAINBERG, 2003:73).

Trata-se de uma atividade de consumo efêmero e passageiro, em que se demanda um extenso e rico acervo de signos e representações simbólicas, capitalizados e destinados ao desfrute, à descoberta e ao encantamento, através de uma experiência lúdica e de animação cultural. Pode ser percebido como um movimento massivo, convertido em um bem de consumo cada vez mais acessível a uma crescente população mundial, sendo considerado, atualmente, como um dos setores que mais cresce e gera empregos em

todo o mundo. A Organização Internacional do Turismo espera que, em 2010, o turismo movimente US\$ 8 trilhões, contribua com 328 milhões de empregos diretos e indiretos. Em termos do PIB mundial, o setor equivalerá a uma faixa de 8,7% a 12,5% de todas as riquezas criadas mundialmente em 2010, estando atrás em faturamento apenas da indústria bélica e petrolífera. Dessa forma, o turismo não pode mais ser visto como um fenômeno desprezível e irrelevante, exigindo análises e monitoramentos científicos interdisciplinares.

Outra área que merece grande destaque na atualidade é a da comunicação. A cada dia, novas tecnologias são implementadas, reforçando o caráter global, imediato, veloz e massivo das informações. Verifica-se a formação de um público cada vez mais exigente que busca informações turísticas através dos mais variados meios de comunicação, como televisão, rádios, internet, revistas e guias turísticos. Com o passar do tempo, essas mercadorias midiáticas vão mostrando seu poder de sedução e se revelando um instrumento essencial na promoção e desenvolvimento da atividade turística.

São vários os estudos que envolvem a atividade turística sobre diversos enfoques. Apesar do grande número de pesquisas, ainda se nota uma escassez no Brasil no que se refere às relações estabelecidas entre o turismo como conhecimento e os meios de comunicação, como cita Ferrari (2002, p.04): “No campo da ciência da Comunicação e Turismo no Brasil, podemos afirmar que poucas contribuições podem ser encontradas em termos de obras e pesquisa específicas sobre os meios de comunicação, sua veiculação e aplicação, e especificamente, a mídia impressa”.

Apesar da escassez de fontes, a análise dos estudos já realizados por autores que interpretaram ou abordaram a relação Comunicação e Turismo, deixa nítido que as duas áreas possuem uma ligação intrínseca. Wainberg (2003) enfatiza que o turismo é, em sua essência, uma ação comunicacional, por isso torna-se imprescindível criar um suporte teórico para a comunicação voltada especificamente para o turismo.

“A comunicação turística respeita ao mesmo tempo as conquistas das ciências da comunicação e a especificidade do fenômeno turístico, que é uma migração (abordagem geográfica), um deslocamento de consumo (segundo os economistas), um signo de pertencimento a uma elite ostentatória (análise dos antropólogos e sociólogos), um comportamento lúdico (sob o ponto de vista

dos psicólogos e etnólogos), um testemunho da evolução pós-industrial da sociedade industrial (aos olhos do historiador)” (BOYER & VIALON apud YASOSHIMA, 2004, p.12).

De acordo com Godoy (2004), a comunicação e o turismo possuem um ponto em comum no que se refere ao aspecto epistemológico, pois ambos “(...) formam mais campos científicos do que disciplinas fechadas. Várias abordagens desses dois domínios são possíveis: sociológico, histórico, jurídico, econômico, entre outros, mas só uma visão interdisciplinar permite uma análise exaustiva e cientificamente comprovada”. Nesta relação percebe-se ainda que:

“(...) turismo e comunicação são indissociáveis para o bom desenvolvimento da atividade, uma vez que é somente através da comunicação que o turista irá alcançar o produto que deseja consumir, além de obter variadas informações e novidades de consumo em turismo. Assim, a linguagem jornalística, em suas variadas manifestações, facilita a compreensão do consumidor acerca das informações pertinentes ao seu consumo.” (GODOY apud ZARDO, 2001, p.97)

Dada a importância da comunicação para a atividade turística, Beltrão (1996, p. 34–43) explica que há dois tipos de comunicação para o Turismo, a receptiva e a emissiva. A primeira pode ser encontrada nas viagens terrestres e aéreas, entre outros modais, ou seja, no percurso até os grandes centros de lazer, esta comunicação receptiva segundo o autor também concerne à imagem do local, que é de fundamental importância para que o Turismo possa acontecer, a receptividade também é um item relacionado com a recepção propriamente dita dos turistas, assim como a qualidade no trato da comunicação durante o atendimento dos demais tipos de prestadores de serviços do Turismo e a da sinalização turística.

Um segundo tipo de comunicação do Turismo segundo Beltrão é a emissiva, que tem se mostrado em evidência por tratar de informações que transmitem algo ocorrido ou que está para acontecer. É de grande utilidade, pois presta as informações emissivas necessárias, leva informações atuais e futuras à sociedade por meio dos grandes jornais e motiva turistas em potencial e os já consolidados. Este tipo de comunicação tem sido

mais eficiente que a receptiva, devido às tecnologias e facilidades encontradas nos meios de comunicação, principalmente na comunicação escrita, jornais, revistas especializadas e internet.

Nesse contexto globalizado, deve-se observar que a o turismo e a comunicação estão, cada vez mais, subentendidos numa ótica de complementaridade, pois o sistema turístico recorre freqüentemente à dinâmica da comunicação ao estabelecer um contato entre a oferta e a procura, ao influenciar e conduzir o potencial turista (leitor, no caso) ao consumo do produto gerado por essa atividade econômica. Os meios de comunicação em massa têm o papel de reforçar os imaginários, pela conquista de mentes e corações, contudo, o principal material utilizado na promoção e divulgação do Turismo são os impressos.

“Portanto, não é difícil detectar e indicar que a mídia impressa tornou-se o principal veículo de informação turística no Brasil (...) a mídia impressa é considerada uma mídia clássica, e no caso do turismo brasileiro ela tornou-se a maior representante dos veículos de comunicação e comercialização de seus produtos e serviços.” (FERRARI, 2002, p.83)

A relação entre Turismo e Comunicação vai além da interligação chegando ao nível da interdependência e da auto-sustentabilidade. O turismo necessita dos meios de comunicação de massa para divulgar seus produtos fabricados e a mídia precisa que estes produtos estejam dispostos nas páginas dos jornais, revistas ou na televisão para faturar em anúncios e, enquanto máquina produtiva que legitima ideologicamente, unificar a sociedade em torno de crenças, valores, estilos de vida e padrões de consumo. Quando estes dois fenômenos são integradas, o jornalismo passa a ter uma relação simbiótica com o turismo que deve ser observada atentamente para que ele não perca a sua principal função social que é informar adequadamente ao público.

3.2 O Jornalismo especializado em Turismo

"O viajante ainda é aquele que mais importa numa viagem." (André Suarés)

Atualmente, as viagens turísticas movimentam bilhões de dólares em receita para os países envolvidos e emprega milhões de pessoas em suas atividades. Tal atividade especializada não pode e nem deve escapar da cobertura jornalística dos grandes jornais, emissoras e jornalistas brasileiros. Não se pode ignorar a necessidade de informações que os viajantes precisam antes da efetivação de uma viagem, como escolha de lugar, gastos, perigos, etc.

Apesar da confirmação desse campo como um território fértil, a produção teórica sobre o jornalismo especializado em turismo é ainda bastante escassa. Somente alguns artigos foram publicados e estes tratam do assunto de forma incompleta. Em minhas pesquisas foram encontradas poucas dissertações específicas sobre o assunto, sendo a primeira apresentada em 2003 na Escola de Comunicação e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo – USP, por Carmem Regina de Carvalho e a segunda apresentada em 2005, na Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista por Glaucia Copedê Piovesan. Embora as dissertações das mestrandas focarem especificamente nos suplementos de turismo dos jornais Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo e Jornal da Cidade, foi encontrada uma base teórica bastante útil na realização do deste Projeto: identificar o gênero jornalístico e mostrar que existe um jornalismo especializado em turismo, com características próprias.

O crescimento da indústria da comunicação resultou em uma acirrada concorrência, produzindo a necessidade de satisfazer as demandas de um público cada vez mais exigente. A solução para conquistar a fidelidade do consumidor foi segmentar as publicações. Com isso, surgem revistas de todos os tipos, para todos os gostos e públicos. A segmentação pode ser feita em diversos níveis, tanto com relação ao público como ao assunto. Os produtos podem se especializar de acordo com gênero, público, idade, classe social, tema. Dessa forma, quando a segmentação é feita através de um tema específico, o público alvo não é necessariamente bem definido. Por outro lado, quando se pensa em um jornalismo voltado para uma parcela específica, os assuntos podem variar um pouco de acordo com as preferências deste público escolhido.

Como a tendência de um jornalismo cada vez mais especializado surgiu desde a década de 60, quando o cenário mundial adquire estabilidade no período pós-guerra do século XX, surge um mercado consumidor editorial, com a criação de um grande número de revistas especializadas que promoveram produtos turísticos ao redor do mundo. Os jornais de grande circulação começaram a criar cadernos destinados a determinados temas e públicos. O de turismo ganhou uma linguagem diferenciada do restante do jornal e sua escritura jornalística parecia mais uma simbiose de jornal e revista. A partir da década de 80, o jornal passa a entrar em forte concorrência com a revista, incluindo na edição reportagens turísticas, fotos, textos coloridos em encartes especiais de jornais, compondo uma diagramação diferenciada, e inserindo publicidade de forma mais competitiva.

Mas os profissionais das outras editorias sempre consideraram a área de turismo menos relevante. O jornalista de turismo sofre preconceito nas redações até hoje, uma vez que os colegas não dão o mesmo prestígio e respeito a estes profissionais, assim como difundem o estereótipo de que estes jornalistas ficam “na boa” viajando. Carmem Regina defende:

“O jornalismo especializado em turismo é tão sério quanto as demais áreas jornalísticas. O vice-presidente da Editora Abril, Thomaz Souto Corrêa assevera: “o jornalismo de turismo, de culinária, de automobilismo, de moda... passam, tanto quanto o jornalismo político e econômico, pelos princípios básicos de apuração com seriedade, da apresentação com isenção e da operação dentro de padrões de ética essenciais ao exercício da atividade jornalística”. (Dines, 1997, pág. 95).

Existe esse preconceito porque nos cadernos de turismo dos jornais quase todas as matérias são patrocinadas, o que dificulta a credibilidade das informações. O que se vê nos suplementos dos jornais também são muitos *releases* publicados de agências de turismo, o que transforma o suplemento muitas vezes em jornalismo-propaganda. Esses tipos de procedimento também acabam não dando oportunidade para destinos desconhecidos ficarem conhecidos.

De acordo com Glaucia Piovesan (2004) Segundo Piovesan (2004, p. 3) tal Jornalismo caracteriza-se como híbrido, pois publicidade e jornalismo convivem harmoniosamente, causando confusão de discursos. Estamos nos referindo àquilo que visualmente parece um texto, uma matéria jornalística, mas o conteúdo não passa de publicidade. Segundo a autora pode-se elencar algumas características predominantes do jornalismo de turismo. São elas: a reprodução de *releases* distribuídos por agências e operadores de turismo; a superficialidade no tratamento das informações; a idealização de um público com alto poder de consumo; a promoção dos locais através de imagens; o anúncio e a notícia se confundem. Outra característica que pode ser acrescida é a falta de crítica. Todas essas características empobrecem o jornalismo, mesmo que não seja o tradicional. Porém, a mais grave é confundir anúncio com notícia, camuflando-o dentro da reportagem. Isso enfraquece o jornalismo e representa o um retrocesso na ética da profissão.

Outro ponto de fundamental importância abordado pelas autoras é o fato do jornalismo especializado em Turismo não se restringe apenas aos cadernos de turismo dos jornais e revistas. Carmem Regina mostra que existem muitas outras formas de praticar esse tipo de jornalismo: “No jornalismo especializado em turismo as opções de segmentação são múltiplas: revistas, suplementos em jornais, guias de turismo, *houseorgans*, programas de TV, rádio, sites na internet.” (2003, pág. 68). A análise da autora acaba incompleta na medida em que deixar de lado a segmentação que permite ir de encontro com a superficialidade e a falta de criatividade na área, priorizando uma maior liberdade, inserção e aprofundamento ao explorar o tema das viagens: O Jornalismo Literário e o livro-reportagem.

Seguindo essa caracterização, podemos citar livros reportagens de viagens clássicos como *Na Patagônia* do inglês Bruce Chatwin e *Um adivinho me disse* do jornalista italiano Tiziano Terzani. Em meados dos anos 1970, Chatwin, inspirado por um suposto pedaço de brontossauro trazido por um primo marinheiro de uma caverna na Patagônia, deixa o emprego e parte para uma aventura de seis meses naquela área inóspita da Argentina. Seu livro de estréia, *Na Patagônia* (Chatwin, 2006), tornou-se instantaneamente um clássico entre as narrativas de viagens e Jornalismo Literário.

“Não é pequeno o estrago que uma relíquia de família, guardada por décadas na sala de jantar da casa da avó, pode provocar num espírito inquieto. Mais

ainda se esse espírito, que acredita ter uma espécie de mapa-múndi encravado em algum ponto do sistema nervoso, descende de uma longa linhagem de marinheiros. Assim resolvi partir, em 1974, Bruce para o extremo sul do continente americano no encalço das origens de um pedaço de brontossauro”. (Chatwin, 2006, pág. 05)

Em 1995, o jornalista italiano Tiziano Terzani, aos 57 anos, lança *Um adivinho me disse* (Terzani, 2005). Ali narra suas peripécias como correspondente na Ásia, ao longo do ano de 1993, durante o qual usou todos os meios de transporte, menos o avião, porque uma profecia, dezessete anos antes, lhe advertira sobre risco de morte. Nos países por onde passou, Terzani buscou aprofundar o contato com os hábitos autóctones de um modo não muito comum aos ocidentais radicados em terras asiáticas. Por isso ele chegou a se definir como “um camaleão”: seu interesse pela realidade do outro era tão intensa que não bastava estar lá, ele queria também impregnar-se o quanto possível da cultura local.

“As mesas eram distribuídas em três andares em torno de uma jaula de ferro dentro da qual, em várias divisórias, estavam à mostra os diversos animais incluídos no cardápio: cães, serpentes, macacos, ursos e outras ‘especialidades’. Havia macacos aos quais faltavam as mãos porque um cliente quisera comer apenas as palmas. A ferida tinha sido cauterizada com ferro em brasa e o macaco foi devolvido à jaula para esperar, berrando, que outro cliente quisesse comer, ainda em vida, o seu cérebro. Os cozinheiros, vestindo uniformes brancos, entravam e saíam das jaulas com os espécimes que as pessoas pediam, e aquelas pobres criaturas, tendo entendido qual seria a própria sorte, toda vez que alguém vestido de branco se aproximava, talvez apenas para ir ao banheiro, punham-se a gritar como possessas.” (Terzani, 2005, p. 445).

Outros bons exemplos contemporâneos de relatos de viagem reunidos em livros-reportagens são as obras *Laowai*, da jornalista Sônia Bridi, *Diz que fui por aí*, do publicitário Antonio Lino e o livro *Alma de Viajante*, do jornalista português Filipe Morato Gomes. Em *Laowai*, a repórter da Rede Globo, Sônia Bridi traz histórias dos bastidores de seu período como correspondente na China. Apresentado como “misto de livro de reportagem e diário de viagem”, *Laowai* tem histórias engraçadas e revelações sobre as dificuldades que um estrangeiro enfrenta para viver e trabalhar no país oriental, todas informações que, obviamente, não apareceram nas reportagens de Bridi para a TV.

“É uma diversão escolher o número de telefone mais barato da loja. Sim, a gente paga conforme o número. Com muitos número oito, pode custar um fortuna. Oito tem uma pronúncia parecida com a palavra “prosperidade”. Os chineses acreditam no poder das palavras – de mais de uma forma. Já o quatro, coitado, pode ser confundido com a palavra “morte”. E eles fogem desse número como o diabo da cruz. Compro um terminado em quatro pelo equivalente a um dólar e saio feliz da vida com a barganha” (BRIDI, 2008, p. 34).

Em *Diz que fui por aí*, Lino relata de maneira literária a aventura de percorrer o Brasil de Norte a Sul dentro de uma Kombi.

“Durante um ano e três meses, viajei pelo Brasil. Sem lugar certo pra ir nem hora marcada pra voltar. Encaramujado numa Kombi, saí para apaziguar aquilo que Bruce Chatwin nomeou tão bem: saí para apaziguar “o desassossego do errante em minha alma”. (Lino,2007,pág. 5)

Já o jornalista português, relata em *Alma de Viajante* a experiência de realizar a volta ao mundo em 14 meses. Seus textos têm como pano de fundo vivências na Rússia, Mongólia, China, Vietnam, Camboja, Tailândia, Laos, Sri Lanka, Myanmar (Birmânia), Malásia, Singapura, Bali, Timor-Leste, Austrália, Chile, Bolívia, Peru, Argentina, Uruguai, Brasil e Venezuela. Todas as semanas, ao longo dos muitos meses da sua odisséia, o jornalista publicava crônicas e fotos nas páginas do *Fugas*, o suplemento de viagens do jornal português *O Público*.

“Catorze meses a viajar de forma solitária pelo mundo é seguramente uma experiência única. Ao longo dessa aventura, marquei encontro com acontecimentos dramáticos como o tsunami, na Ásia, ou as manifestações populares, na Bolívia, e fui acumulando memórias intensas que recupero agora. Um balanço final dividido em três partes e que começa com os momentos mais marcantes vividos entre a Europa e a Indochina” (Morato, 2007, p. 203).

Obras como as de Bruce Chatwin, Tiziano Terzani, Filipe Morato, Antonio Lino e Sônia Bridi demonstram que a produção de um livro-reportagem e a prática do Jornalismo literário requer um aprofundamento do tema relatado a partir do momento em que o autor se afasta-se da pretensa “objetividade jornalística” e se insere no contexto da notícia. Nesta relação, o Jornalismo encontra na Literatura, a liberdade para a

produção de um texto que rompe as correntes da redação, enquanto a Literatura apóia-se no Jornalismo para que os fatos relatados não fujam da veracidade.

3.3 - Jornalismo literário e livro-reportagem

“A verdadeira viagem de descoberta não consiste em ver novas paisagens, mas sim ver com novos olhos.” (Marcel Proust)

A denominação Jornalismo Literário, predominante no Brasil, deriva daquela adotada pelos americanos (Literary Journalism) em virtude da excelência que essa modalidade jornalística atingiu nos Estados Unidos, na década de 1960, com textos de autores como Gay Talese, Tom Wolfe, Truman Capote e Hunter S. Thompson. Mas não é a única. O Jornalismo Literário é também conhecido como novo jornalismo, literatura não-ficcional, literatura da realidade, jornalismo em profundidade, jornalismo diversional, reportagem-ensaio e jornalismo de autor. Os espanhóis o chamam de periodismo informativo de creación, denominação mais ajustada aos conceitos esboçados sobre o gênero.

Aqui vamos considerar que o New Journalism configurou-se como um movimento - apesar da argumentação contrária supracitada - e teve uma existência definida no espaço e no tempo, uma vez que houve um crescimento muito grande no período e país em questão: Estados Unidos, décadas de 60 e 70, até o início dos anos 80.

Os praticantes do New Journalism demoravam muito mais tempo que o jornalista convencional para cobrir uma matéria. Passavam tempos com os entrevistados, imersos em sua comunidade para estudarem seu comportamento ou, em casos mais imediatos, chegavam aos locais horas antes do fato em si, para colherem informações ambientais. Sua escrita também era diferente da convencional: reticências, pontos de exclamação, onomatopéias e palavras sem sentido eram incluídas no texto. Na linguagem jornalística tradicional não se faz uso de sinais de linguagem, exceto onde seu uso se mostra necessário. Como riqueza estilística e recurso de linguagem – tal qual era feito por Hunter Thompson - seu uso inexistente na prática ortodoxa do jornalismo.

O jornalista Eduardo Belo (2006) afirma que, no Brasil, a aparição do Jornalismo com viés mais literário se deu com a revista *O Cruzeiro*, criada em 1928 e ainda considerado o maior fenômeno editorial do país. A publicação permitia que seus repórteres produzissem relatos com um texto cheio de brilho, que logo cativava o público. O problema é que com o tempo ficou provado que grande parte das informações publicadas pela revista foram inventadas ou apuradas sem a menor ética.

Ainda na década de 60, dois veículos, em particular, se destacaram como meios de expressão do Novo Jornalismo: o *Jornal da Tarde* e, principalmente, a revista *Realidade*. Com temáticas que antes tinham pouco espaço ou nenhum, nos jornais e revistas da época, as matérias de *Realidade* possuíam uma proposta de cobertura ambiciosa, cuja apuração e redação, em alguns casos, levava meses. As edições eram mensais, e os temas não eram os fatos isolados, mas o contexto em que eles aconteciam. A revista conseguiu grande sucesso, mas o decreto do AI5, em 1968, pelo governo militar começou a desestruturar o que foi conquistado pela publicação, desde sua criação em 1966. Aos poucos foi definhando até desaparecer na década de 70.

Segundo o Prof. Edvaldo Pereira Lima (1995), um dos maiores estudiosos do Jornalismo Literário no Brasil, esta categoria jornalística pode ser conceituada como a “modalidade de prática da reportagem de profundidade e do ensaio jornalístico utilizando recursos de observação e redação originários da (ou inspirados pela) literatura. Traços básicos: imersão do repórter na realidade, voz autoral, estilo, precisão de dados e informações, uso de símbolos (inclusive metáforas), digressão e humanização”.

Já segundo o jornalista Felipe Pena (2006), o jornalismo literário não se trata apenas de fugir das amarras da redação ou de exercitar a veia literária em um livro-reportagem. “O conceito é muito mais amplo. Significa potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lead⁴, evitar as fontes primárias e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos”.

⁴ Famosa fórmula objetiva que prega a necessidade de o texto jornalístico responder as principais perguntas da reportagem ainda no primeiro parágrafo.

Outra pesquisadora que merece ser citada é a jornalista e professora Denise Casatti. Ela observa que o Jornalismo Literário tem certos pressupostos:

“[..] a imersão do repórter na realidade; a precisão de dados e observações; a busca do ser humano por trás do que se deseja relatar ; e a elaboração de um texto que permita que a história venha à tona por meio de uma voz autoral e de um estilo” (Casatti, 2004).

Um adivinho me disse, Na Patagonia, Diz que fui por aí, Lawoai e Alma de Viajante, obras já citadas neste trabalho, são excelentes exemplos de relação próxima que o Jornalismo de Viagem tem com o Jornalismo Literário e da necessidade de se romper com a mediocridade e a superficialidade que muitas vezes impera nesse setor. Neste ponto, é importante deixar claro que não se pode falar sobre a fusão entre Jornalismo e Literatura sem citar o veículo livro-reportagem.

Em *Páginas Ampliadas – o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*, Edvaldo Pereira Lima evidencia o conceito de p *livro-reportagem* como um veículo jornalístico impresso não-periódico contendo matéria produzida em formato de reportagem, grande-reportagem ou ensaio. Caracteriza-se pela autoria e pela liberdade de pauta, captação, texto e edição com que os autores podem trabalhar. O autor afirma:

“Veículo de comunicação jornalística não-periódica, o livro-reportagem é um produto cultural contemporâneo, bastante peculiar. De um lado, amplia o trabalho da imprensa cotidiana, como que concedendo uma espécie de sobrevida aos temas tratados pelos jornais, pelas revistas, emissoras de rádio e televisão. De outro, penetra em campos desprezados ou superficialmente tratados pelos veículos jornalísticos periódicos, recuperando para o leitor a gratificante viagem pelo conhecimento da contemporaneidade”. (LIMA, 1995, p.7)

É precisamente nesta peculiaridade, em avançar na apuração da reportagem, quebrando limites impostos pelo próprio jornalismo, que reside a característica formadora do livro-reportagem. Ele consegue informar, envolver e, até mesmo, entreter o público, através da leitura de um fato verdadeiro, num ambiente propício a experimentações e possibilidades narrativas diversas. Em suas definições sobre a função e as características do livro-reportagem, Lima assinala que a principal virtude do livro-reportagem é a sua

capacidade para preencher as lacunas deixadas habitualmente pela cobertura jornalística na sua abordagem do real. Segundo o autor, essa virtude vem sendo alcançada por duas razões. A primeira seria por uma perspicácia superior na abordagem da realidade em termos de pauta. E a segunda, uma conseqüência da diversidade, posto que a falta de preconceitos em relação à escolha da pauta gera uma flexibilidade maior nas etapas posteriores. Assim, sem deixar de lado os preceitos fundamentais do jornalismo, o livro-reportagem amplia sobremaneira a função comunicativa desta atividade.

Mas de que recurso se vale o livro-reportagem para conseguir preencher os espaços deixados pelo jornalismo cotidiano? Edvaldo Pereira Lima acredita que por não estar atrelado à rotina industrial dos veículos periódicos, o livro-reportagem tem, portanto, a possibilidade de experimentar novas formas de captação sem ser premido pelo tempo. O que segundo o autor, o torna "liberto da objetividade reducionista e puramente tecnicista que habitualmente impera na imprensa regular". (1995, p.84). Logo, na elaboração do livro-reportagem, o jornalista fica à vontade para experimentar diferentes procedimentos de captação da realidade, os quais podem ser a observação participante, a história oral ou qualquer outro que exija mais tempo do que a imprensa periódica esteja interessada em dispensar para cobrir um assunto.

De acordo com seus objetivos particulares e a natureza do tema abordado, o livro-reportagem pode assumir diferentes aspectos. Visando demonstrar o alcance de seu objeto de estudo, Edvaldo Pereira Lima propôs uma classificação de suas variantes e identificou 13 tipos de livros-reportagem. Convém ressaltar que não se trata de uma categorização definitiva e estanque, de forma que mais de uma vertente pode ser encontrada em uma mesma obra. As vertentes são:

1. livro-reportagem-perfil: evidencia o lado humano de uma personagem pública ou anônima (representante de um grupo social); tem como variante o livro-reportagem-biografia, com mais destaque ao passado e menos ao presente da pessoa;
2. livro-reportagem-depoimento: reconstitui um acontecimento relevante na visão de um participante ou testemunha. Pode ser escrito pela própria testemunha, com auxílio de um jornalista, e geralmente sua narração é movimentada, com bastidores e ações encadeadas;

3. livro-reportagem-retrato: focaliza uma região geográfica, um setor da sociedade, um segmento da atividade-econômica ou uma instituição (pública, privada ou terceirizada), para traçar o retrato do objeto em questão (mecanismos, problemas, complexidade), familiarizando-o ao grande público e, assim prestando um serviço educativo e elucidativo;
4. livro-reportagem-ciência: serve à divulgação científica, geralmente em torno de um tema específico, com caráter de crítica ou reflexão;
5. livro-reportagem-ambiente: vinculado às causas ecológicas, pode ter feição romantizada ou combativa/crítica, sobre a harmonia das relações homem-natureza;
6. livro-reportagem-história: focaliza temas de um passado recente ou distante, destacando algum elemento que o conecta com o presente, propositadamente ou por fatores externos. Tem como variantes o livro-reportagem-empresarial, que trata do mundo dos negócios, de um grande grupo e suas conexões com a sociedade, e o livro-reportagem-epopéia, abarcando episódios históricos de grande relevância social (guerras, conflitos, revoluções e outros);
7. livro-reportagem-nova consciência: trata de temas das novas correntes comportamentais, culturais, econômicas e religiosas resultantes da contracultura e da aproximação às culturas orientais;
8. livro-reportagem-instantâneo ou da história imediata: debruça-se sobre um fato recém concluído cujos contornos finais já podem ser identificados;
9. livro-reportagem-atualidade: difere do de cima porque capta um tema de maior magnitude e perenidade no tempo, cujos desdobramentos finais não são conhecidos, identificando as forças em conflito e projetando tendências possíveis de desfecho;
10. livro-reportagem-antologia: reúne várias reportagens sob diferentes critérios (mesmo autor, mesmo tema por autores distintos, mesmo gênero ou categoria em diferentes autores e temas);

11. livro-reportagem-denúncia: possui propósito investigativo de identificar injustiças, abusos, desmandos e incorreções, levantando casos marcados pelo escândalo;

12. livro-reportagem-ensaio: caracteriza-se pela presença muito evidenciada do autor e suas opiniões sobre o tema, de forma a convencer o leitor a compartilhar seu ponto de vista (persuasivo, com uso recorrente do foco narrativo na primeira pessoa);

13. livro-reportagem-viagem: toma a viagem a uma região geográfica específica como pretexto para trabalhar vários aspectos de caráter sociológico, humano, cultural, e histórico do local. Difere do relato turístico e romantizado por se preocupar com pesquisa, coleta de dados e exame de conflitos, sem fechar os olhos para determinadas observações e pontos negativos.

Vou Sair Para Ver o Céu, como um livro-reportagem-viagem endereçado principalmente para o público mochileiro, é uma resposta de que se é possível sim romper com a superficialidade que acomete a maioria das produções ligadas ao jornalismo de viagens. O formato livro-reportagem e a experimentação do Jornalismo Literário apresentam-se como ferramentas extremamente eficientes para se ir na contramão do turismo massivo, retórico, despontando uma tendência de se viajar de maneira mais íntima, criativa e, por assim dizer, autoral.

3.4 – Narrativas de Viagem e Crônicas

Agora que exploramos o cenário em que o Jornalismo Literário se insere, voltamos a atenção a uma zona específica: a Narrativa de Viagem. Como vimos, ela é uma das 13 categorias de livros-reportagem propostas por Edvaldo Lima. Com base nessa categorização feita por Lima, o Doutor em Letras Renato Modernell, em sua tese *Em Trânsito: Um estudo sobre narrativas de viagem*, busca definir as ligações e interpelações entre a literatura ficcional, as Narrativas de viagens e o Jornalismo Literário.

“Dentro do vasto campo do Jornalismo Literário, que como o jazz é um universo em expansão, a narrativa de viagem ocupa um lugar especial. Seu apelo é forte. Uma pessoa que se move em ambientes exóticos tem grande chance de cativar aqueles que prefeririam estar lá, em aventuras mais gratificantes, do que trancadas nos elevadores e nos congestionamentos das cidades. Entre as características básicas do Jornalismo Literário, uma das mais

importantes é a chamada imersão. Isso significa um alto grau de envolvimento do autor com o tema sobre o qual trabalha, seja do ponto de vista existencial, durante a captação do material, seja no momento da elaboração do texto, que implica uma escolha acertada do foco narrativo. Pode-se dizer que, em certos casos, o autor se transforma quase num personagem de si próprio. E sua arte narrativa se aproxima bastante do estilo oral dos viajantes arcaicos” Poderíamos até nos arriscar a dizer que o Jornalismo Literário, a rigor, não existe, mas acontece. Exige uma recepção mais qualificada. Só ganha substância quando encontra um leitor que sabe saborear um texto. O Jornalismo Literário não existe nem pode existir numa forma cristalizada como os mapas que Colombo levava consigo na caravela, mas sim na flexibilidade de Marco Polo em termos de tempo e espaço”. (Modernel, 2009, pág. 106)

O autor expõe, em termos conceituais, e no contato com um conjunto diversificado de obras classificáveis na área de Narrativa de Viagem, esboçando um elenco de características para essa modalidade de escrita:

- o ponto de partida da narrativa é um desequilíbrio no “mundo comum”: o protagonista sente-se desconfortável no ambiente onde vive, como um exilado em sua própria terra;
- a obra inclui conteúdos autobiográficos;
- a obra retrata uma experiência vivida em profundidade (imersão), na qual o viajante se lança com a sensação de queimar as pontes, ou seja, encerrar uma fase de sua vida;
- o protagonista passa por uma transformação interior ao longo do caminho (individuação);
- o texto tem características de uma grande reportagem, apesar de certo descompromisso geral com a função informativa;
- o texto transmite conhecimento especializado em determinada área, na voz do autor ou de um personagem;
- a estratégia narrativa inclui o jogo interfactual, mas não o contrafactual, que é mais próprio da ficção literária;
- o texto tem elementos de romance de aventura;
- o viajante se diferencia do turista por sustentar um olhar despojado e inquisitivo sobre o que o cerca; convive de forma criativa com a insegurança e a surpresa; deixa-se levar pelo fluxo dos acontecimentos; e delicia-se com os pequenos flagrantes da vida;
- o texto dá menos relevância aos fatos em si do que a seus efeitos sobre o observador; há uma prevalência da subjetividade;
- o autor propõe ao leitor uma nova maneira de digerir ou interpretar as coisas que lhe expõe;

- na sua jornada, o viajante tem como aliados a disponibilidade e o acaso; consegue detectar lampejos da eternidade naquilo que é transitório;
- o autor reflete sobre a natureza e a velocidade do deslocamento;
- o autor tem acesso a esferas sociais com as quais não está habituado a conviver no “mundo comum”;
- o autor tem insights ao observar o ritmo em que as coisas acontecem em cada lugar ou situação, e na sua narrativa consegue transmitir ao leitor as diferentes dimensões do tempo (geográfica, social e individual);
- o autor parece se mover “nas entrelinhas” dos guias turísticos, sem dar relevância a elementos conhecidos por todos, os chamados “cartões postais”;
- ao descortinar novos cenários, o texto evoca o ponto de partida do protagonista, propiciando-lhe um olhar retrospectivo e renovado sobre o “mundo comum”.

Dessa forma o autor afirma que as Narrativas de Viagem constituiriam um gênero dotado de uma poética própria e que pode ser considerada um gênero da escrita. O autor afirma:

“A literatura contemporânea é sobretudo um investimento no foco narrativo. Investimento de alto risco. Quase uma aposta. Essa constatação já nos deixa à vontade para afirmar que a Narrativa de Viagem tem, sim, uma poética própria. Ela assume o risco, e se sai bem. Talvez possamos qualificá-la como um gênero de transição, tal como o entendia o linguista russo Roman Jakobson. Ou, se preferimos, podemos dizer que se trata de uma modalidade de escrita que, como a baleia, submerge e aflora em diferentes momentos, mas não desaparece”. (Modernel, 2009, pág. 124)

É preciso deixar claro, no entanto, que narrar uma história de viagem em primeira pessoa, mesmo que seja num tom de oralidade, não basta para situá-la no âmbito do Jornalismo Literário. O que nos interessa examinar, isso sim, são aqueles relatos pessoais que constituíram uma experiência existencial intensa, transformadora e de alto valor simbólico para o narrador; como resultado de insights e reflexões propiciados por cenários diferentes daqueles nos quais está acostumado a viver.

Outro conceito fundamental para se analisar os textos de *Vou Sair Para Ver o Céu* é o conceito de Crônica. O sentido etimológico de crônica está relacionado à palavra grega *chronos*, tempo. Na língua portuguesa existem muitos termos cujo radical, etimologi-

camente, estão ligados ao sentido original - tempo. Além disso, diferentes dicionários definem a “crônica” referindo-se ao sentido original de “cronos”.

A acepção moderna de crônica passou a ser empregada no século XIX, quando tal vocábulo revestiu-se de sentido estritamente literário. O autor Mas-saud Moisés explica que a ampla difusão da imprensa beneficiou o vocábulo que, então, rapidamente passou a ser uma “narrativa histórica” presente nos jornais impressos. Outro aspecto do conceito de crônica levantado por José Marques de Melo (1985) diz respeito ao entendimento do que se seja crônica na atualidade para o Jornalismo nacional e, comparativamente, para o internacional. Segundo Melo, ainda hoje no jornalismo mundial o termo está relacionado à idéia de relato cronológico enquanto no Brasil, diferentemente, a crônica possui um sentido claro e inequívoco para os brasileiro como um texto breve, relacionado a atualidade e publicado em jornal ou revista. Para Melo somente no Brasil a crônica tem “a feição de relato poético do real, situado na fronteira entre a informação de atualidade e a narração literária.

Segundo Regina Rossetti (2006), a crônica, graças à “diversas personalidades criadoras”, tornou-se uma inovação própria do jornalismo brasileiro como gênero autônomo:

“(…) podemos dizer que existiram dois modos de se fazer crônica. O mais primitivo, e ainda atuante em alguns países, é a crônica no tempo linear e ordenado historicamente pela justaposição dos acontecimentos. O segundo modo de se fazer crônica é em um tempo criador que reinventa os fatos para narrá-los de forma poética, para traduzir verdades que a mera reprodução dos fatos não poderia expressar.” (Rossetti, p.8 e 9, 2006)

No contexto internacional, segundo Melo, o país onde a crônica possui uma caracterização mais próxima da brasileira é Portugal. A característica que faz com que se equivalha é que o autor de uma crônica portuguesa age de modos similar ao autor brasileiro para redigi-la: utiliza-se dos fatos como pretexto. José Marques de Melo cita a denominação dada aos textos que se aproximam da crônica em alguns outros países. Por exemplo: a “action stories” na Inglaterra; a “glosa” na Alemanha ou ainda a similar “feature” nos EUA.

José Marques de Melo no livro "A Opinião no Jornalismo Brasileiro" afirma que, ser a crônica um gênero jornalístico, é ponto pacífico.

"Produto do jornal, porque dele depende para sua expressão pública, vinculada à atualidade, porque se nutre dos fatos do cotidiano, a crônica preenche as três

condições essenciais de qualquer manifestação jornalística: atualidade, oportunidade e difusão coletiva". (Melo, 1985, p.111)

Em sua análise dos gêneros jornalísticos, Marques de Melo coloca a crônica como um gênero opinativo. Da mesma forma, Luiz Beltrão afirma que a crônica é a forma de expressão do jornalista/escritor para transmitir ao leitor seu juízo sobre fatos, idéias, emoções pessoais e coletivas, o que a coloca no nobre gênero do jornalismo opinativo.

Assim como Melo que conceitua a crônica como “relato poético do real”, Luiz Diaféria, apreciado cronista paulistano, traduz com sentimento e paixão esse sentido brasileiro da crônica. Lourenço Diaféria traduz com sentimento e paixão o sentido brasileiríssimo da crônica:

"A crônica é a reinvenção da lua abstraída das violações científicas e espaciais, é a metafísica dos postes e das azaléias, é a lupa que permite confirmar com a palavra escrita, se o sabonete Palmolive continua a abrir os poros e manter a pele leve e acetinada. A crônica existe para dar credulidade aos jornais, saturados de notícias reais demais para serem levadas a sério. A crônica descobre as pessoas no meio da multidão de leitores. Ela revela ao distinto público que, atrás do botão eletrônico, existe um baixinho resfriado e de nariz pingando, que assoa e vocifera. A crônica serve para mostrar o outro lado de tudo - dos palanques, das torres, de eclipses, das enchentes, dos barracos, do poder e da majestade. Ela não consta no periódico por condescendência. A crônica é a lágrima, o sorriso, o aceno, a emoção, o berro, que não tem estrutura para se infiltrar como notícia, reportagem, editorial, comentário ou anúncio publicitário no jornal. E, contudo, é um pouco de tudo isso. "

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Nada, acima de tudo, se compara à vida nova que uma pessoa que reflete experimenta quando observa um novo país. Apesar de eu ainda ser sempre eu ainda ser o mesmo, acredito que fui mudado até a medula dos meus ossos” (Goethe – Viagens à Itália)

A vida de viajante é estimulante, variada e sedutora. A cada passo uma nova experiência, um curioso costume, uma inesperada amizade. A cada esquina um novo sorriso, um distinto sabor, um som apaixonante. A cada nova descoberta, um forte enriquecimento pessoal, satisfação, felicidade. A cada dia, um novo e diferente dia. Parti, vivi e regressei. Mais paciente e mais humilde. Possuidor de um

autoconhecimento nunca antes alcançado, seguro de que, apesar das diferenças, a vida é igual por toda a parte e de que navegar é preciso para enxergar o outro com novos olhos. Apesar das saudades, regressará sem penitências. Para mim, o regresso não é apenas o interstício entre duas viagens. Tanto quanto a ida, a volta também é a jornada. Foram dez meses de emoções fortes e muitas descobertas que cessaram (momentaneamente) quando, 431 dias depois de ter levantado vôo em direção a Lisboa, aterrei no Aeroporto Internacional de Salvador, vindo da cidade do Porto. Estava de volta ao lar e o mundo tinha ficado para trás. Ou será que mundo tinha vindo junto comigo?

De volta ao Brasil e a Facom, encarei o desafio de narrar minha própria história. A realização do trabalho de conclusão de curso através de um projeto experimental é no mínimo um forte desafio para os estudantes de jornalismo. Muitas foram às dificuldades e empecilhos. A corrida contra o tempo, a necessidade de cumprir prazos, o esforço de conceber e editar um livro, a dificuldade em classificar minha obra e textos, o escasso acervo teórico sobre o tema e a necessidade de lidar com o bloqueio criativo e com a pressão interna por um bom resultado foram algumas dos principais desafios. Todas as etapas deste trabalho, desde a sua concepção até a impressão, incluindo também todas as dificuldades, significaram um fluxo constante de aprendizado, que muito contribuíram para a minha formação na área de Jornalismo.

A elaboração do livro possibilitou a experimentação de conhecimentos adquiridos no curso de Comunicação Social, bem como na aquisição de conhecimentos outros, específicos sobre diversos setores. A busca desse embasamento para a concepção de *Vou Sair Para Ver o Céu* me proporcionou uma nova viagem teórica, sendo de vital importância no desenvolvimento de conhecimentos sobre Narrativas de viagens, Jornalismo de viagem e sobre a forma como o Turismo se insere dentro da produção editorial. Além disso, foi relevante para conhecer informações que até então eu não detinha sobre o processo de produção editorial, como as variadas possibilidades de formatação de um livro – sempre em busca da opção que alie baixo custo e leitura confortável -, e o tratamento das imagens, além do aprofundamento no que diz respeito a teorias sobre livros-reportagens e ao Jornalismo Literário.

Finalizo essa etapa de *Vou Sair Para Ver o Céu* com a feliz certeza de que realizei um bom trabalho e de que pude trabalhar meus textos da maneira que mais gosto: talhando palavras sem pressa, descrevendo cenários, relatando sensações, explorando a veia

literária e pincelando histórias com o mesmo carinho de um pai que embala o seu filho. Para além disso, é uma imensa satisfação perceber que meu produto poderá contribuir de maneira prática na percepção de que é possível ir na contramão da superficialidade dos releases e da produção da comunicação voltada ao turismo em massa, apontando para uma tendência de narrar viagens de maneira mais íntima, criativa e, por assim dizer, autoral.

Durante essa intensa troca multicultural, me apaixonei ainda mais pela minha profissão e pelo ofício de narrar histórias reais. Tenho a certeza: o jornalismo é o meu mundo. E o mundo é a minha casa. Concluo essa importante fase da minha vida com a mesma e reconfortante sensação descrita por Felipe Morato no livro “Alma de viajante”: “apesar de tudo, levo a certeza que pouco conheço do Mundo em que vivemos. Continuarei, portanto, a viajar.”

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.

BITARELLO, Maria Domingues. **De Lester Bangs a Arthur Veríssimo: um estudo sobre o jornalismo literário**. Juiz de Fora: UFJF; FACOM, 2º sem. 2004. 64 fl. mimeo. Projeto Experimental do Curso de Comunicação Social.

BRANDÃO, Christian Bressane. **Jornalismo especializado em turismo: foco nas revistas Horizonte Geográfico, Os Caminhos da Terra, Próxima Viagem e Viagem e Turismo**.

BRIDI, Sônia. **Laowai (estrangeiro)**. Florianópolis: Letras Brasileiras, 2008.

CAPARELLI, Sérgio. “**O campo híbrido do jornalismo e da literatura**”. In: **Continentes Sul Sur** – Revista do Instituto Estadual do Livro. Porto Alegre: novembro, 1996.

CARVALHO, Carmem Regina de Oliveira. **Jornalismo especializado em turismo**: Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo, Escola de Comunicação e Artes, São Paulo.

CAMARGO, Zeca. **A fantástica volta ao mundo / registro e bastidores de viagem por Zeca Camargo**. São Paulo: Globo, 2004.

CASATTI, Denise. Narrar para diversificar. Texto Vivo. São Paulo: 2006. Disponível em: www.textovivo.com.br. Acesso em: 19/08/2009.

- CHATWIN, Bruce. **Na Patagônia**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- FREIRE, Ricardo. **Viaje na Viagem: Auto-ajuda para turistas**. São Paulo: Mandarim, 1998.
- KEROUAC, Jack. **On the Road**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2004.
- KLINK, Amyr. **Cem dias entre céu e mar**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1993
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. São Paulo: Ed. Unicamp, 1995.
- LINO, Antonio. **Diz que fui por aí**. São Paulo: E-book, 2007. Disponível em <http://dizquefuiporai.blogspot.com/> Acesso em: 13/04/2009
- MARQUES DE MELO, José. **A Opinião no Jornalismo Brasileiro**. Petrópolis, Vozes, 1985.
- MODERNELL, Renato. **Em Trânsito: Um estudo sobre narrativas de viagem**. (Doutorado) Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2009.
- MORATO, Filipe. **Alma de Viajante**. Penafiel: Cão Menor, 2007
- MOISÉS, Massaud. **A criação Literária – Prosa II**. São Paulo: Cultrix, 2003.
- PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2008.
- PIOVESAN, G. C. **Interdiscursividade nos cadernos de turismo impressos: estudo de caso da Folha de S. Paulo e do Jornal da Cidade**. 2005. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho”, Bauru, SP, 2005.
- OLIVEIRA, R. J. **Backpackers no Brasil. Dissertação** (Mestrado). Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 2000.
- REVISTA MINHA VIAGEM**. São Paulo: editora Cadiz, 2008. Mensal. ISSN 1982-6818.
- RODRIGUES, Ana Isabel. **Alguns contributos para uma reflexão sobre o estudo do Turismo e da Comunicação**. Escola Superior de Tecnologia e Gestão – Instituto Politécnico de Beja. Área Científica de Turismo.
- ROSSETTI, Regina. **A recriação da realidade na crônica jornalística brasileira**. UNirevista - Vol. 1 , no3 : (julho 2006) disponível em : <www.unirevista.unisinos.br> . Acesso em 11 de outubro de 2008
- SANTOS, Daniella Almeida. **A (des)caracterização do livro-reportagem em projetos experimentais de Jornalismo**. Professora da Universidade de Taubaté .

WAINBERG, Jacques A. 2003. **Turismo e comunicação: a indústria da diferença**. São Paulo: Contexto.

YASOSHIMA, José Roberto. 2004. “**A comunicação turística como manifestação da hospitalidade de um destino**”. Anais do X CELACOM. São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo.